

## **Civilização e dialética dos instintos: Um exercício de aproximação entre Nietzsche e Freud**

Gabriel Barroso Vertulli Carneiro\*

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo destacar pontos de encontro entre algumas considerações de Friedrich Nietzsche e de Sigmund Freud. Mais especificamente, esses pontos de encontro giram em torno dos temas “teoria dos instintos” e “teoria da civilização”. Primeiramente, dedicaremos algumas palavras à teoria dos instintos que tramita nas ideias de ambos e, em seguida, abordaremos os diagnósticos que cada um faz da civilização e os seus elos com a gênese do “sentimento de culpa”.

**Palavras-chave:** Friedrich Nietzsche; Sigmund Freud; Civilização; Instinto.

### **Civilization and dialectic of instincts: An exercise in rapprochement between Nietzsche and Freud**

**Abstract:** The present text aims to highlight points of encounter between some considerations of Friedrich Nietzsche and Sigmund Freud. More specifically, these meeting points revolve around the themes “instinct theory” and “theory of civilization”. At first, we will dedicate a few words to the theory of instincts that is being processed in the ideas of both and then we will discuss the diagnoses which each makes of civilization and its links with the genesis of the “feeling of guilt”.

**Key-words:** Friedrich Nietzsche; Sigmund Freud; Civilization; Instinct.

*“Tanto em Nietzsche quanto em Freud existe uma  
teoria da civilização (Kultur) que é, ao mesmo tempo,  
uma teoria da doença ou do mal-estar da civilização.”*  
(Paul-Laurent Assoun)

No posfácio do livro *Ecce Homo*, Paulo César de Souza nos relata que, no ano de 1908, em um dos recorrentes encontros semanais da pequena “Sociedade Psicanalítica de Viena”, os seus membros decidiram discutir a autobiografia de Friedrich Nietzsche. Até aí o relato não nos traz nada além da agenda de leituras da Sociedade. Todavia, o digno de nota desta rotineira reunião é que o Dr. Sigmund Freud teria revelado ao resto do grupo que nunca estudou e, além disso, evitava propositalmente as obras de Nietzsche. Pois bem, a sua explicação seria simples: devido à proximidade entre os pressupostos das investigações psicanalíticas e as ideias do autor

---

\* Doutorando pela PUC-RIO. Contato: [gabrielvertulli@gmail.com](mailto:gabrielvertulli@gmail.com)

de *Assim falou Zaratustra*, Freud evitava os seus livros para “preservar a independência de espírito”.<sup>1</sup>

Este relato pode parecer curioso, mas o que impressiona é que não foram poucas as vezes em que Freud negou ou, simplesmente, olhou de forma muito cautelosa a possibilidade de se desenhar um parentesco intelectual entre ele e Nietzsche<sup>2</sup>. A grande questão – muitas vezes enunciada, mas que dificilmente encontrará uma resposta definitiva – é: “Por quais motivos Freud sempre rejeitou as semelhanças entre a sua pesquisa e as reflexões nietzschianas?”. Ora, cabe dizer de imediato que não é do interesse do presente texto apostar em mais uma hipótese sobre as razões da recusa freudiana, ademais, o espaço de reflexão que nos é aqui reservado não comportaria tamanha empreitada. Com efeito, pretendemos contribuir para esta temática destacando pontos de encontro entre algumas considerações de Nietzsche e de Freud. Mais especificamente, esses pontos de encontro giram em torno dos temas “teoria dos instintos” e “teoria da civilização”.

Como pontapé inicial convém dizer que, em uma rápida pesquisa que envolva os dois nomes, é possível perceber que as aproximações entre Nietzsche e Freud são um exercício significativo e, ao mesmo tempo, um lugar-comum. Este ponto pode ser explicado por que, se por um lado as possibilidades de aproximação são profícuas e pertinentes, por outro lado, já existe uma extensa fortuna crítica disponível que trata das afinidades entre os dois autores. Podemos depreender disto que temas de grande importância costumam ser aqueles em que muito já foi dito e, mesmo assim, estão longe de chegar ao esgotamento.

Mas não é por acaso que haja disponível um grande material sobre o impacto do “fenômeno Nietzsche” na psicanálise freudiana. Por mais que Freud negue qualquer influência, é preciso levar em conta que ele possa ter absorvido os conceitos e as ideias nietzschianas de forma acidental ou involuntária, afinal, ele “sofre verdadeiro bombardeio de solicitações nietzschianas: à sua volta, literalmente encontra Nietzsche em toda parte”<sup>3</sup>. Este bombardeio se dá pelo fato de Freud escrever grande parte de seu trabalho em um período em que os escritos de Nietzsche alcançaram enorme sucesso.

---

<sup>1</sup> SOUZA, Paulo César de. *Posfácio*. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 123.

<sup>2</sup> Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud & Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 16-24.

<sup>3</sup> *Ibidem.*, p. 46.

Na virada do século XIX para o século XX, o autor de *Assim falou Zaratustra* passou a ser muito lido pela *intelligentsia* europeia, principalmente, claro, pela de língua alemã. Incontáveis nomes dos mais diversos âmbitos da produção cultural alemã – como Hermann Hesse, Thomas Mann, Oswald Spengler, Georg Simmel, Theodor Adorno, Martin Heidegger, para citar apenas alguns – foram leitores de Nietzsche. Deste modo, Freud produzia seus textos em um ambiente em que os conceitos e pressupostos nietzschianos circulavam com grande intensidade.

Um aspecto digno de consideração é que, nas primeiras décadas do século XX, diversos autores europeus imergiram no que ficou conhecido como o *Kulturpessimismus*, isto é, em uma “teoria da decadência cultural”.<sup>4</sup> O fato é que os diversos “críticos da civilização”<sup>5</sup> foram, em maior ou menor grau, leitores de Nietzsche. Diante disso, quando o próprio Freud desenvolve a sua teoria da civilização, ele mobiliza temáticas caras a Nietzsche por estar, em muitos aspectos, tentando dar uma resposta a uma questão que foi cultivada pelo espectro nietzschiano.

O fato de estar em um ambiente onde os seus pares mobilizam intensamente as noções do criador de *Zaratustra* já seria um bom motivo para justificar o mapeamento da forma pela qual Nietzsche reverberou na obra freudiana. Contudo, além disso, não se pode deixar de mencionar o fato de que o filósofo e o psicanalista estão unidos por uma “paternidade comum”, quer dizer, os dois leram intensamente Schopenhauer. Diga-se de passagem, Thomas Mann foi um dos que insistiu que Nietzsche e Freud estariam “estritamente ligados” por intermédio de Schopenhauer.<sup>6</sup>

Doravante, depois de dado este pontapé inicial que afina um pouco mais os laços entre Nietzsche e Freud, acenaremos para uma aproximação entre os dois a partir de dois prismas: 1) no tópico que segue dedicaremos algumas palavras à teoria dos instintos que tramita nas ideias de ambos; 2) em seguida, abordaremos os diagnósticos que cada um faz da civilização e os seus elos com a gênese do “sentimento de culpa”.

## **1) Sobre a dialética dos instintos**

---

<sup>4</sup> Cf. VOLPI, Franco. *Niilismo, relativismo e desencanto na “cultura da crise”*. In: *O Niilismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 65-76.

<sup>5</sup> O mais famoso deles foi Oswald Spengler, seu livro *A decadência do Ocidente* – de clara inspiração nietzschiana – se tornou um *best-seller* na Alemanha da primeira metade do século XX.

<sup>6</sup> Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud & Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*, p. 51-54.

O termo “instinto”<sup>7</sup> em Nietzsche e Freud é fonte de inúmeras pesquisas e indagações. Em nenhum dos dois autores chega-se a um entendimento definitivo sobre o uso de tal conceito. O questionamento sobre o sentido deste termo é proporcional à importância que ele tem para os edifícios nietzschiano e freudiano, afinal, “a filosofia de Nietzsche pode ser abordada em sua literalidade como uma filosofia do instinto” e, como se sabe, “a psicanálise freudiana, por sua vez, atribui um papel fundador ao instinto ou pulsão.”<sup>8</sup>

Com o intuito de driblar as dificuldades que a noção de instinto carrega, pretendemos aqui apenas traçar um paralelo entre as teorias bipartidas dos instintos que Nietzsche e Freud lançam mão, respectivamente, no *Nascimento da tragédia* e no *Mal-estar na civilização*.

No livro *O nascimento da tragédia*, o primeiro livro publicado pelo filósofo, Nietzsche distingue dois tipos de instintos que são, ao mesmo tempo, antagônicos e complementares: os instintos “apolíneo” e “dionisíaco”. Estes instintos operam, em um primeiro momento da obra nietzschiana, no âmbito estético – assim, o apolíneo representaria a arte do “figurador plástico” e o dionisíaco a “arte não figurada da música”.<sup>9</sup> No entanto, com o caminhar da sua obra, estes instintos ultrapassam o limiar da arte e passam a operar como categorias metafísicas ou “psicológico-culturais”. O instinto apolíneo teria no sonho, no comedimento, na beleza, na racionalidade e na serenidade alguns dos seus atributos principais. Já o instinto dionisíaco estaria presente na embriaguez, na loucura, na espontaneidade, no êxtase, na (auto)intensificação e no excesso de força como sentimento transbordante.

No ensaio sobre o *mal-estar*, Freud distingue o instinto que “conserva a substância vivente e a junta em unidades cada vez maiores” do instinto que busca, ao

---

<sup>7</sup> Apesar de conhecidas as dificuldades da tradução do termo *Trieb*, optamos por usar “instinto” ao invés de “pulsão”. Fazemos isso apenas para manter uma coerência com as obras consultadas – dado que Paulo César de Souza traduz o termo *Trieb* por “instinto” tanto em Nietzsche quanto em Freud. Cabe dizer que seguir a deixa de Paulo César não significa que acreditamos que a sua tradução não mereça ser debatida e problematizada, contudo, não faz parte do escopo do nosso artigo trilhar tal empreitada. Para uma boa análise sobre a polêmica da tradução e sobre os diferentes usos dos termos *Trieb* e *Instinkt* em Nietzsche e Freud, conferir o livro de Rogério de Almeida: ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 273-289. Para um comentário sobre a opção de Paulo César de Souza de traduzir *Trieb* por “instinto” ao invés de “pulsão” (termo “bastante usado no Brasil, dado a grande influência que sofremos da obra de Lacan”), conferir: FUKS, Betty Bernardo. *Comentário sobre a tradução de Paulo César Souza das Obras completas de Sigmund Freud*. In: *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 14, n. 3, setembro 2011, p. 569.

<sup>8</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud & Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*, p. 93.

<sup>9</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 24.

contrário, “dissolver essas unidades e conduzi-las ao estado primordial inorgânico”<sup>10</sup> – ou seja, “Eros” e “Tânatos”. Assim como Nietzsche, Freud também desenha uma dialética entre esses dois instintos, caracterizando as manifestações de Eros como a tendência inata ao homem de reunir-se em sociedade e, ao seu oposto, como uma tendência do ser humano para “a agressão, a destruição e a crueldade”.<sup>11</sup>

Não nos interessa aqui traçar um paralelo entre estas duas teorias bipartidas dos instintos a partir de suas alusões à mitologia grega (apesar de tal tarefa nos parecer deveras interessante). Com efeito, nos interessa destacar que essas duas teorias buscam dar um sentido de totalidade ao devir humano e, com isso, nos fornecer uma “interpretação da vida”. Freud, por exemplo, chega a nos dizer que a luta entre Eros e o instinto de destruição constitui o “conteúdo essencial da vida”<sup>12</sup>. Já as noções de apolíneo e dionisíaco – apesar de serem de mais difícil sistematização na medida em que elas perpassam grande parte da obra nietzschiana – representariam de forma muito similar um movimento vital de “decadência e elevação”, ou, poderíamos dizer também, caracterizariam o devir a partir de uma dinâmica entre o “declínio e apogeu”.

Podemos resumir o quadro dizendo que o que une essas duas teorias dos instintos é que elas nos apresentam duas forças que regulam o conteúdo essencial da vida e que são, ao mesmo tempo, opostas e complementares. Elas formam uma dialética ao criarem uma unidade e, por conseguinte, uma reciprocidade entre todas as manifestações “pacíficas” e “tempestuosas” do ser humano. Pelo menos no que diz respeito a Nietzsche, esse movimento dialético entre os instintos é bem claro, afinal, muitos anos mais tarde, um pouco antes de perder a lucidez, ele próprio afirmou, com um certo tom de confissão, que *O Nascimento da tragédia* tem um “cheiro indecorosamente hegeliano”.<sup>13</sup>

O desenho parece então estar claro: “Eros” corresponderia ao “apolíneo” (dado que ambos são instintos da conservação e da racionalidade) enquanto “Tânatos” corresponderia ao “dionisíaco” (visto que os dois são manifestações da destruição e da autoafirmação). No entanto, apesar de tudo conspirar a favor de uma perfeita

---

<sup>10</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos: (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 85-86.

<sup>11</sup> *Ibidem*, 88.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 91.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 59.

aproximação, é preciso levar em conta os juízos que Nietzsche e Freud fazem de cada um dos dois extremos.

O ponto essencial, conhecido por muitos, é que Nietzsche é um entusiasta do espírito dionisíaco. Não é por acaso que ele termina uma de suas últimas obras, o *Crepúsculo dos ídolos*, chamando a si próprio de “o último discípulo do filósofo Dionísio”.<sup>14</sup> Logo, o desenho que pareceria representar uma perfeita correspondência, acaba por passar por uma “inversão de valores”.<sup>15</sup> Isto por que Nietzsche contrapõe ao “insaciável conhecimento otimista” (aquele que impõe uma racionalidade apática) o “conhecimento trágico”, isto é, a sabedoria dionisíaca. Se o instinto apolíneo não tiver o seu contrapeso dionisíaco, o homem perece, quer dizer, o que há de mais vital no homem e na cultura entra em declínio. A racionalidade apolínea, quando excede em demasia o conhecimento trágico, elimina qualquer “sentimento transbordante de vida e força”<sup>16</sup>, ao fim, o seu ocaso é inevitável na medida em que ela é regida por uma lógica “que gira em redor de si mesma e acaba por morder a própria calda”<sup>17</sup>.

É importante destacar que tanto Nietzsche quanto Freud reconhecem o pendor agressivo do homem, os dois entendem que a satisfação dos instintos mais grosseiros é muito mais prazerosa que a satisfação dos instintos domesticados, uma vez que haveria um enorme deleite natural em destruir<sup>18</sup>. Além disso, é preciso ressaltar que eles também reconhecem de forma equivalente que a não satisfação deste instinto agressivo gera uma enorme frustração – Nietzsche chama esta frustração de decadência ou afastamento da vida, e Freud, por sua vez, a chama de “mal-estar”. Contudo, o desencontro entre os dois se dá na medida em que o primeiro vê nesta agressividade característica do instinto dionisíaco uma autoafirmação da vida mesma, e o segundo, por sua vez, chama este furor agressivo de “instinto de morte e destruição”.

Como se pode perceber, ao final da dialética dos instintos, onde Nietzsche vê uma manifestação da vida, Freud vê a manifestação da morte. Diante disso, podemos dizer que os dois usam exatamente o mesmo instrumento para ponderar sobre o que há

---

<sup>14</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 107.

<sup>15</sup> Diga-se de passagem, o *leitmotiv* dos últimos trabalhos de Nietzsche é uma “transvaloração de todos os valores”.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 106.

<sup>17</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*, p. 93.

<sup>18</sup> Freud, em um tom marcadamente nietzschiano, nos diz que “paixões movidas por instintos são mais fortes que interesses ditados pela razão”. FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*, p. 78.

de mais essencial nos instintos humanos, contudo, mesmo usando a mesma balança, eles a usam de modo espelhado, isto é, os valores de cada extremo aparecem invertidos.

Seguindo uma indicação de Paul-Laurent Assoun, para além do projeto nietzschiano de “transvaloração de todos os valores”, esta inversão pode ser esclarecida do seguinte modo: enquanto a teoria nietzschiana dos instintos está caminhando em um terreno predominantemente “ético-estético”, a teoria freudiana parte de um ponto de vista “epistemológico”.<sup>19</sup> Desta maneira entendemos como Nietzsche consegue usar a sua dialética para ressaltar ou depreciar os instintos. Freud, na sua posição de “homem de ciência”, procura sempre manter uma imparcialidade serena e evitar qualquer tipo de juízo de valor (aspecto este que seria criticado por Nietzsche, pois ele seria visto como um dos sintomas de decadência e inibição dos instintos). É por isso que, por mais que ambos naturalizem a violência e o instinto agressivo, o filósofo enxerga neles uma manifestação da vida – pois eles fazem parte de um movimento de autoafirmação e “vontade de poder”<sup>20</sup> – já o psicanalista enxerga no instinto destrutivo apenas a manifestação da morte.

Em resumo, as duas teorias bipartidas dos instintos fazem um jogo dialético entre vida e morte. A totalidade deste jogo simboliza o “vir a ser” enquanto o próprio conteúdo essencial da vida. Dito de maneira mais específica, os dois estão cientes de que a morte faz parte da vida, mas, de maneira oposta ao que Freud iria fazer algumas décadas mais tarde, Nietzsche coloca o acento no instinto dionisíaco com o intuito de

---

<sup>19</sup> Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud & Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*, p. 116.

<sup>20</sup> Sobre a “vontade de poder” ou “vontade de potência”, por ser uma das concepções fulcrais do *corpus* nietzschiano, compreendermos a dificuldade de defini-la. Não nos interessa aqui debater as suas inúmeras possibilidades interpretativas, todavia, dentro dos limites do nosso texto, acreditamos ser oportuno acenar para uma possível conformidade entre esta noção e o instinto dionisíaco – com efeito, essa possível conformidade entre a vontade de poder e o instinto afirmador da vida só seria plausível no chamado “Nietzsche maduro”. Em última instância, ambas as noções buscam dar conta de um movimento de forças e de autoafirmação da vida. Entendemos que Rogério Miranda de Almeida lança luz sobre esse ponto em uma passagem de seu livro *Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição* – apesar de ser uma passagem longa, transcrevemo-la aqui por inteiro para fazer jus à complexidade da questão: “Na sua terceira e última fase produtiva Nietzsche concentra suas análises em torno da vontade de potência e das relações de forças. É bem verdade que as intuições relativas a essa questão já se encontram desde os primeiros textos, aqueles que designamos com o nome de escritos trágicos. Mas não é menos verdade que no último período e, principalmente, durante o ano de tensão que precedeu ao desmoronamento em Turim (1888), o filósofo explicita e manifesta em toda a sua clareza o conceito de vontade de potência e, assim fazendo, ele atinge o clímax da arte de analisar, dissecar e diagnosticar as forças que estão à sua base. Estas traduzem ou se traduzem por um movimento e uma dinâmica constantes de inclusão, separação, transformação, mutação, usurpação e disfarce. Elas determinam a vontade de potência, e são por sua vez por esta determinadas. De modo que, num universo assim tão lábil, tão plástico, tão instável e infinitamente múltiplo, não deveríamos nos surpreender com o fato de, às vezes, depararmos-nos com textos nos quais o filósofo tende a subsumir as forças e as pulsões sob a vontade de potência.” ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 178-179.

assinalar que o perecer não é de modo algum uma negação da vida – muito pelo contrário, ele é a própria vida acontecendo e a sua condição de possibilidade. Ademais, é por este motivo que Nietzsche chama o furor dionisíaco de “instinto em prol da vida”<sup>21</sup>, pois, para ele, a morte é, na verdade, tudo aquilo que está cristalizado e se degenerou em hábitos e apatia: a atenuação das forças vitais se dá quando o instinto dionisíaco é suspenso.

Agora que temos em vista a dialética entre “Eros” e “Tânatos” em Freud, e entre “Apolo” e “Dionísio” em Nietzsche, precisamos avançar no sentido de que essas duas teorias dos instintos são constitutivas das teorias da civilização que os dois nos apresentam. É sobre os diagnósticos que eles nos dão acerca do estado civilizatório que nos deteremos agora.

## 2) Sobre a doença da civilização e o sentimento de culpa

No âmbito da análise do processo civilizatório, podemos mais uma vez aproximar nossos dois pensadores. As duas teorias dos instintos são a pedra de toque para eles avaliarem a “decadência” e o “mal-estar” da civilização. Em outras palavras, a não satisfação dos instintos mais íntimos e fundamentais – ou seja, os que impelem à agressividade – é justamente a causa da decadência e do mal-estar. Paul-Laurent Assoun percebe este aspecto central e o sintetiza dizendo que ambos fazem uma leitura muito parecida do caminhar da civilização: eles a analisam em termos patológicos porque, para os dois, “a civilização não está apenas doente – ela é a doença, a partir do momento em que surge como obstáculo crônico à satisfação instintual”.<sup>22</sup>

O quadro é bem simples de ser desenhado: a grande questão trazida por Nietzsche e Freud é a tensão criada pelas “exigências dos instintos” de um lado e as “restrições da civilização” do outro. Vários são os tópicos em jogo diante desta tensão: religião, moral e sentimento de culpa são os mais proeminentes. Nietzsche passa o seu olhar crítico pelos três em diversos momentos da sua obra, já Freud os examina com mais afinco em *Totem e tabu*, *O futuro de uma ilusão* e no já citado *O Mal-estar na civilização*.

---

<sup>21</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*, p. 18.

<sup>22</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud & Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*, p. 260.



*O futuro de uma ilusão* assume quase a forma de uma “sinopse” do ensaio sobre o *mal-estar*, a diferença maior é que o primeiro usa uma linguagem mais simples e dá maior atenção para a problemática da religião como fruto de um sentimento de desamparo e infantilismo que resultaria em uma “neurose obsessiva”.<sup>23</sup> Todavia, o fato relevante é que o argumento de que a civilização seria responsável por inibir as satisfações de instintos primordiais já se encontrava presente.

Já foi dito que em Nietzsche e em Freud há uma naturalização da violência e que ambos reconhecem que há um prazer na crueldade. O ponto então a ser comentado é: ciente do enorme deleite proporcionado pelos instintos dionisíacos, por qual motivo o processo civilizatório interdita o seu desfrute? O digno de nota é que o filósofo e o psicanalista colocam esta mesma questão e fazem o mesmo diagnóstico, não obstante, por conta da “balança espelhada”, eles elaboram diferentes juízos de valor acerca da mesma conclusão.

Ora, podemos dizer que começamos a exposição do nosso argumento pelo final, isto é, já partimos da apresentação do diagnóstico freudo-nietzschiano de que a civilização está doente. Mas, mesmo assim, podemos explicar um pouco mais este parecer. Para Nietzsche, o processo civilizatório (pensado aqui em seu íntimo desenvolvimento junto à moral cristã) transformou o homem em um “animal de rebanho”, ou seja, em um animal frágil e domesticado que necessita de um líder, pois é apático e temeroso demais para dar valor aos seus instintos dionisíacos. Diga-se de passagem, é na *Genealogia da moral* que Nietzsche não deixa mais nenhuma dúvida sobre a sua tese de que a crueldade é, de fato, “um dos mais antigos e indelévels substratos da cultura”,<sup>24</sup> por conseguinte, é também neste livro que ele aponta a principal causa da doença da civilização: a moral de inspiração cristã. Em linhas gerais, esta moral inibe a vida a partir da disseminação de um nocivo sentimento de culpa.

Não é preciso um olhar muito atento para perceber que, unidos pela temática do sentimento de culpa, a *Genealogia da moral* e o *Mal-estar na civilização* caminham lado a lado. Não seria um exagero afirmar que Freud está desenvolvendo uma das teses da *Genealogia* em seu ensaio<sup>25</sup>. Um dos argumentos centrais de Freud é que o Ego entra

---

<sup>23</sup> FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 69.

<sup>24</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*, p. 93.

<sup>25</sup> Paulo César de Souza nos diz o seguinte no brevíssimo posfácio da *Genealogia da moral*: “De fato, pode-se dizer que *Genealogia da moral* é o mais ‘psicanalítico’ dos textos de Nietzsche. Seria proveitoso um estudo comparativo sobre a *Genealogia* e o *Mal-estar*. [...] Os dois livros se ocupam principalmente

em uma espiral de angústia na medida em que vai sentindo, de forma inconsciente, a pressão e a vigilância que o Superego exerce sobre ele próprio. Esta espiral da angústia é alimentada pelo acréscimo do sentimento de culpa. Nas palavras do próprio psicanalista, o seu ensaio tinha o propósito de situar “o sentimento de culpa como o problema mais importante da evolução cultural e de mostrar que o preço do progresso cultural é a perda da felicidade, pelo acréscimo do sentimento de culpa.”<sup>26</sup> Verdade seja dita, esta é uma temática nietzschiana por excelência.

Nietzsche pensa o acréscimo do sentimento de culpa a partir da relação entre credor e devedor<sup>27</sup>, Freud o pensa a partir da relação entre Superego e Ego. Ao final, eles estão lançando mão do mesmo argumento a partir de diferentes conceitos. O credor é o Superego, ele representa o estado civilizacional, a moralidade, a religião. O devedor é o Ego, que representa o indivíduo domesticado e frustrado pela impossibilidade de saciar seus instintos. A culpa origina-se da tensão motivada por esta relação, ela é resultado do medo para com a autoridade externa, isto é, para com o credor/Superego.<sup>28</sup>

Descrita de forma direta, a tese é a seguinte: a moral civilizatória impõe resistência aos instintos a partir da domesticação do homem por via da disseminação do sentimento de culpa – o mecanismo regulador da civilização é a má consciência suscitada pela culpa. O medo do credor/Superego é o instrumento de manutenção da “ordem moral do mundo”<sup>29</sup>. Esta tese é defendida tanto na *Genealogia da moral* quanto no *Mal-estar na civilização*.

---

do sentimento de culpa, a tal ponto que os seus títulos são intercambiáveis”. SOUZA, Paulo César de. *Posfácio*. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 161.

<sup>26</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*, p. 106.

<sup>27</sup> Nietzsche joga com o fato de a palavra alemã *Schuld* significar, ao mesmo tempo, “culpa” e “dívida”. Este é um aspecto importante para compreender a sua tese, pois ela se baseia na ideia de “o conceito moral de ‘culpa’ ter origem no conceito muito material de ‘dívida’”. Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, p. 48.

<sup>28</sup> Freud apresenta este argumento na penúltima parte do *Mal-estar na civilização* do seguinte modo: “À tensão entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido chamamos consciência de culpa; ela se manifesta como necessidade de punição. A civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada.” FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*, p. 92. Observação: Como se pode perceber, Paulo César de Souza preferiu traduzir os termos *Über-ich* e *Ich* por “Super-eu” e “Eu”, ao invés de usar os já tradicionais “Superego” e “Ego”. Optamos por usar estes últimos por serem mais difundidos tanto no meio psicanalítico especializado como também entre os leigos.

<sup>29</sup> A expressão “ordem moral do mundo” foi cunhada por Nietzsche. Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: maldição ao cristianismo; Ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016, p. 58.

É sabido que a crítica da moral é um dos temas capitais em Nietzsche, assim, com o intuito de nos auxiliar no resumo dos aspectos centrais desta crítica, podemos fazer uso de um trecho de seu livro *Crepúsculo do ídolos* – presente no capítulo intitulado *Moral como antinatureza*:

Todo naturalismo na moral, ou seja, toda moral *sadia*, é dominado por um instinto de vida – algum mandamento da vida é preenchido por determinado cânon de “deves” e “não deves”, algum impedimento e hostilidade no caminho da vida é assim afastado. A moral *antinatural*, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente contra os instintos da vida – é uma *condenação*, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos.<sup>30</sup>

Neste trecho está em relevo o aspecto nuclear da crítica nietzschiana da moralidade. Ele deixa claro o argumento que estávamos tentando destrinchar: a moral cristã (antinatural) tolhe os “instintos da vida”. Moral, culpa, religião e civilização são temáticas que aparecem de forma muito imbricada nos textos de Freud e de Nietzsche. A diferença fica mais uma vez por conta da “balança espelhada”, pois não se pode ignorar que onde Freud vê um instinto de conservação da vida, Nietzsche vê a inibição da vida. É precisamente por isso que Nietzsche alega que até o instinto guiado por Eros estaria atrofiado: a moral cristã seria a responsável por esse decréscimo de vida em Eros. Em um de seus aforismos, ele escreve que “O cristianismo deu de beber veneno a Eros – é verdade que ele não morreu por isso, mas degenerou, em vício.”<sup>31</sup>

Em *O Anticristo* Nietzsche amplifica a sua guerra à moral cristã, mas, mesmo com um tom ainda mais belicoso, continua seguindo a linha de raciocínio da *Genealogia* e argumentando que o homem foi o animal que mais se afastou de seus instintos. Neste livro, Nietzsche novamente responsabiliza por tal afastamento o cristianismo, este teria corrompido o homem por deslocá-lo de sua possibilidade instintiva de autoafirmação e por ter-lhe impelido valores de declínio, quer dizer, “valores niilistas”.<sup>32</sup>

Caminhando para os nossos últimos parágrafos, não podemos deixar de lado um aspecto importante. É evidente que tanto Nietzsche quanto Freud são críticos da religião, os dois criticam a desvalorização da “vida terrena” construída pela fé na

---

<sup>30</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*, p. 36.

<sup>31</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*, p. 105.

<sup>32</sup> Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*, p. 12.

imortalidade da alma característica do cristianismo<sup>33</sup>. Contudo, o aspecto crucial é que, enquanto Nietzsche defende que quem poderia “vencer” a religião seria a arte, Freud, por sua vez, nos diz que a ciência seria a única capaz de eliminar as ilusões religiosas<sup>34</sup>. Porventura esta seja a única diferença realmente significativa entre os dois: Freud é um entusiasta da ciência, com fortes acentos iluministas, Nietzsche é um entusiasta da arte e, além disso, um crítico feroz da ciência e dos ideais iluministas. Seja dito de passagem, o ensaio sobre o *Futuro de uma ilusão* é concluído em um tom quase apologético, ou melhor, Freud finaliza o seu texto como quem redige um manifesto em prol da ciência. Para Nietzsche, no entanto, assim como a religião, a ciência também é um sinal de decadência, ela também seria uma “ilusão”.

Por certo, a “ciência” como um grande ponto fora da curva é passível de ser explicada: Nietzsche e Freud divergirem quanto ao papel da ciência e o fato do primeiro diferenciar “cultura” e “civilização” (e o segundo se recusar a fazê-lo<sup>35</sup>) são duas faces da mesma moeda. Nietzsche é um crítico ao mesmo tempo da religião e da ciência pelo fato de as duas aspirarem à verdade – as duas idealizam uma verdade, logo, os seus protocolos seriam os mesmos. O filósofo entende que a ciência é também um fator de decadência uma vez que ela atua e avança no interior do processo civilizatório, este seria um dos motivos pelo qual ele acredita que seria necessário distinguir civilização e cultura – esta estaria ligada a um ideal de formação (*Bildung*) e cultivo de si. Freud considera que, mesmo sendo constitutiva do processo civilizatório, a ciência evidenciaria a esterilidade da oposição entre cultura e civilização e seria capaz de auxiliar o homem com muitas de suas necessidades.

### Consideração final

Ao fim, os pareceres de nossos autores se apresentam da seguinte maneira: para Freud, a repressão instintual é uma condição necessária para o bom funcionamento da civilização, assim, por mais que civilização caminhe em uma doentia letargia, seria possível encontrar meios para sublimar os instintos não satisfeitos. A sensação que

---

<sup>33</sup> Nietzsche nos diz que o cristianismo seria “a ruína das almas mediante os conceitos de culpa, castigo e imortalidade”. Ibidem, p. 73. Aliás, esta frase caberia perfeitamente no ensaio de Freud *O futuro de uma ilusão*. Sobre a desvalorização da vida terrena em Nietzsche, conferir o brilhante capítulo IV de *O crepúsculo dos deuses* intitulado *Como o “mundo verdadeiro” se tornou finalmente fábula*.

<sup>34</sup> Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud & Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*, p. 279.

<sup>35</sup> No ensaio *O futuro de uma ilusão*, Freud chega a nos dizer que “despreza ter que distinguir entre cultura e civilização”. FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*, p. 10.

Freud nos passa é que ele encara a civilização como uma paciente doente, mas ele também dá a entender que seria possível encontrar um tratamento. Deste modo, ao contrário do que se poderia pensar, a sua conclusão não chega a ser pessimista, pois ele parece crer que uma posologia mais eficiente poderia salvar o seu ente enfermo. Já de acordo com Nietzsche, a repressão instintual deve ser solucionada não por um tratamento comedido, mas sim por uma inversão de valores que permita a satisfação plena dos instintos. Nietzsche não é nem pessimista e nem otimista. Ele prega que a civilização irá curar a sua doença quando conseguir “extirpar a parte degenerada”<sup>36</sup>, isto é, o tratamento nietzschiano prescreve a superação da moral de inspiração cristã – a moral do “rebanho”. A superação da moral seria possível a partir da autoafirmação da vida. Em termos nietzschianos poderíamos dizer que superar a moral significa estar para “além do bem e do mal” e, por conseguinte, para “além-do-homem”. Em resumo, para Nietzsche, superar o mal-estar significa “superar o homem”: eis aí como se apresenta uma porta de entrada interpretativa para a sua noção chave de “super-homem” (*Übermensch*).<sup>37</sup>

Depois desta caminhada, acreditamos ter chegado ao ponto que pretendíamos: a aproximação que traçamos entre nossos dois pensadores nos permite perceber que a dialética dos instintos desvela a tensão entre o “devedor e o credor”, ou, o que dá no mesmo, entre o “Ego e o Superego”. A tensão em questão é o que torna o estado civilizacional “decadente” (na avaliação de Nietzsche) e “neurótico” (na perspectiva de Freud).

### **Bibliografia:**

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

---

<sup>36</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*, p. 77.

<sup>37</sup> Comentar a controversa noção de *Übermensch* está, obviamente, para além do escopo do nosso texto. Contudo podemos mencionar o artigo “*Sobre a gênese da consciência moral em Nietzsche e Freud*” de André Luís Itaparica, onde, ao fazer o mesmo exercício de comparação entre os nossos dois pensadores, o autor lança luz sobre como a noção de *Übermensch* aponta justamente para um horizonte de superação do impasse da civilização. Ou, nas suas palavras, sobre como essa noção expressaria “*uma posição inconformista diante do avanço de um processo desagregador da cultura*”. Cf. ITAPARICA, André Luís Mota. *Sobre a gênese da consciência moral em Nietzsche e Freud*, p. 27.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud & Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FREUD, Sigmund. *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*. In: *Introdução ao narcisismo: estudos de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 209-246.

\_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos: (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Totem e tabu*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

FUKS, Betty Bernardo. *Comentário sobre a tradução de Paulo César Souza das Obras completas de Sigmund Freud*. In: *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 14, n. 3, setembro 2011, p. 566-570.

ITAPARICA, André Luís Mota. *Sobre a gênese da consciência moral em Nietzsche e Freud*. In: *Cadernos Nietzsche* 30, 2012, p. 13-32.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Anticristo: maldição ao cristianismo; Ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SIMMEL, Georg. *Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

VESCHI, Jorge Luiz. *A morte de Deus e o assassinato do pai: Nietzsche e Freud*. Rio de Janeiro: Butiá, 1996.

VOLPI, Franco. *O Nihilismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

*Recebido em 27/12/2018*

*Aprovado em 27/09/2019*